

COSTA, L. M. da. **Os Vilões do Futebol: jornalismo esportivo e imaginação melodramática**. Curitiba: Appris, 2020. 185p.

Leonardo Turchi Pacheco¹

¹Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, MG, Brasil

“*Os Vilões do Futebol: jornalismo esportivo e imaginação melodramática*”, de autoria de Leda Maria da Costa, é fruto de tese de doutorado da autora defendida em 2008. No entanto, o livro não abrange a tese de modo literal, sendo uma reelaboração de boa parcela das reflexões realizadas nela, acrescida de análises de fracassos do selecionado futebol brasileiro masculino mais recentes. O livro é composto de oito capítulos, incluindo uma introdução. Não há um capítulo conclusivo. A introdução e os Capítulos de 1 a 4 são mais teóricos, ao passo que os Capítulos 5 a 7 são mais descritivos. De todos eles, o mais solto e que poderia ser excluído sem nenhum prejuízo à narrativa é o Capítulo 7. Esse capítulo se constitui numa análise da trajetória infeliz do goleiro Muralha quando este atuava no Flamengo. Embora aborde a questão da vilania, o Capítulo 7 destoa dos demais que tratam dos fracassos nas Copas de Mundo de futebol praticado por homens.

“O drama de um bom jogo de futebol, segundo a forma através da qual se manifesta, possui qualquer coisa em comum com uma boa peça teatral” (ELIAS, 1992, p. 84-85). Essa citação de Norbert Elias poderia ser a epígrafe do livro. Se assim fosse, faria justiça às relações que a autora estabelece entre o melodrama e a construção de personagens culpados nas derrotas da Seleção Brasileira em Copas do Mundo por meio das lentes da imprensa esportiva. Mas nem a citação e tampouco as referências às obras desse autor estão presentes. Não que seja mandatária a abordagem de Norbert Elias, mas torna-se curiosa sua ausência. Isso porque a relação que esse autor estabelece entre as transformações das configurações sociais e as transformações do afetos e emoções dos sujeitos é bem parecida com a proposta evidenciada pela autora.

Vejamos: a questão central da obra é a de demonstrar como uma série de transformações organizacionais e simbólicas relacionadas ao desenvolvimento do futebol espetáculo no Brasil se associa com as mudanças de sensibilidades nos momentos de fracasso esportivo.

Assim, a autora indica que essas transformações são decorrentes de uma série de fatores: a) a importância dos esportes em regimes populistas, há o resgate de políticas e propagandas do Governo Vargas para popularizar o futebol; b) “a invenção” de um estilo de jogo próprio, futebol-arte – ligado à raça, ao corpo negro, à ginga e à habilidade – a

Recebido em: 24/06/2022

ACEITO em: 25/07/2022



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

partir do desempenho do Brasil e do jogador Leônidas da Silvana na Copa do Mundo de 1938 e depois pela consolidação e abarcamento desse estilo pela tinta dos jornais brasileiros e das élites intelectuais da época; e c) o crucial desenvolvimento dos meios de comunicação de rádio e depois de televisão para propagar esse estilo de jogo e em seguida criar um aparato discursivo e simbólico para se referir ao jogo e suas afetividades decorrentes da vitória ou derrota.

Acrescenta-se a esses fatores a tragédia do *Maracanazzo* em 1950 que inaugurou o sentimento de fracasso absoluto do futebol brasileiro e se constituiu como uma referência de todas as derrotas vindouras. O insucesso de 1950 em pleno Estádio Maracanã congrega significados plurais e complexos: contexto inédito de uma Copa decidida em casa, com uma equipe capaz de ser campeã, com uma campanha vitoriosa e necessitando de um empate na partida decisiva. Nesse contexto, a derrota ficou associada à prepotência, máscara e covardia, contribuindo para a construção de um modelo de vilania. Nesse modelo de vilania, o culpado pela derrota é caracterizado por ser a alteridade radical – “o outro” que mancha a identidade e o autorreconhecimento do estilo de jogo futebol-arte – do futebol brasileirado.

Nesse processo de transformação, constroem-se no imaginário, de diversos atores desse campo esportivo, que a derrota nunca ocorre por mérito do adversário, mas por falhas dos próprios brasileiros envolvidos com a partida. Se a culpa é de alguém, é preciso identificar o culpado e explicar os motivos da culpa. Papel que a imprensa esportiva explora nas mais diversas nuances: é ela que confere sentido ao acontecimento, aos personagens e tenta entender a “verdade” por detrás dos fatos. No caso dos “vilões do futebol” o material coletado para análise foram as edições dos principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo.

Em outros termos, a discussão interpretativa sobre a derrota, o que a autora chama de “hermenêutica da derrota”, é realizada pela mídia esportiva por meio de relatos nem sempre imparciais e neutros, mas mediados por um olhar posicionado, ordenador e julgador que procede por reformular e ressignificar o evento esportivo. Essa hermenêutica tem um *modus operandi*: uma estrutura de explicação da derrota que, como mencionado anteriormente, coloca em segundo plano os méritos dos adversários e o plano tático para enfocar questões comportamentais e morais dos jogadores brasileiros em campo e fora dele (desde de escapadelas noturnas dos jogadores, passando pela falta de comando do técnico, até a necessidade de melhor organizar a estrutura do futebol brasileiro).

A figura do culpado se apresenta a partir da categoria “vilão” (personagem principal da derrota) e de seus desdobramentos adjetivados: covardes, mercenários e mascarados. A autora indica que os candidatos a vilania são os técnicos, os goleiros, os zagueiros e os jogadores que se distanciam do que veio a ser convencionado futebol-arte – o estilo brasileiro de se jogar futebol. Mais adiante essa categoria é desenvolvida em associação ao melodrama. O vilão é o anti-herói. Aquele que tem valor negativo e possui lacunas no seu caráter. Deixa a dever e decepciona. É falho em seu comportamento, desprezível e detestável: um reflexo invertido do herói.

Nessa direção, a figura do vilão e a vilania no futebol se apresenta na mesma lógica do melodrama – teatro, novela, filme. Em ambos os casos a emoção e afetividade nas narrativas estão ligadas as dores, rejeições e decepções referentes a determinados

personagens na trama dramática. No caso dos vilões, essas emoções estão direcionadas àqueles que se distanciam do estilo de jogo associado ao futebol-arte. Por outro lado, e aqui reside um dos preciosos *insights* do livro, quando a derrota incide sobre o jogador habilidoso – o craque, o fora de série – outra categoria é construída para denominá-los. Estes são quase-vilões, pois são vítimas do destino, e sua redenção pelos atores que compõem o campo futebolístico se dá pela condição de jogadores excepcionais que não tiveram sorte, saúde, experiência entre outros infortúnios para sair vitorioso. Este, por exemplo, foi o caso do jogador Zico no pênalti perdido contra a França em 1986 e de Ronaldo Fenômeno no mal súbito que antecedeu a derrota para a França em 1998.

Mas nem tudo no livro são gols de placa. Em que se pese a escolha da autora em preservar a fluidez textual e a dinamicidade da narrativa – e de fato a leitura é agradável – há ausências de diálogos teóricos que contribuiriam sobremaneira para pensar o tema proposto.

Assim, a autora aborda sistematicamente o papel de judicialização e tribunal da culpa desempenhada pela imprensa esportiva, mas não dialoga com autores como Florezano (1998) e Toledo (2002) que fazem uso dessas categorias para mostrar a relação de poder e tensão existente entre os atores do campo do esporte. Quando trabalha a categoria de vilão e quase vilão, também não há sequer menção sobre o sistema de categorias acusatórias proposto por Gilberto Velho (2004). Creio que esse autor, embora se referindo às categorias subversivo, drogado e comunista no contexto da década de 1970, poderia fornecer fundamentações para a análise estabelecida entre a vilania e a alteridade.

Não há também a argumentação, somente a menção de passagem, através de exemplos como o de Ronaldinho Gaúcho, Ronaldo Fenômeno e Zico que as categorias construídas pela imprensa estão em constante disputa e podem ser matizadas por outros atores, como os torcedores de equipes rivais, por exemplo, que tencionam a narrativa de modo a dar-lhe outros significados. Ademais, como a proposta da autora era realizar análises de periódicos do Rio de Janeiro e São Paulo não há como identificar as similaridades e diferenças de construções de vilania em outras regiões do país. Esse desafio fica como sugestão para outros pesquisadores e pesquisadoras.

Por fim, o livro não possui um capítulo conclusivo de arremate e amarração de todas as principais ideias e categorias propostas pelas autoras. As categorias de vilania e quase vilania não são retomadas e nem os personagens culpados pela mídia esportiva pelas derrotas. Essa conexão fica a cargo do leitor. Mas isso não é de todo ruim, pois ao deixar o livro com uma conclusão em aberto, a autora indica a possibilidade quase infinita de abordar múltiplas narrativas de derrota, acontecimentos e melodramas. Seus personagens e vilões do passado e presente nos eventos nacionais e internacionais de futebol. A despeito dessas poucas ressalvas, “Os vilões do futebol” merece a leitura de pesquisadores e pesquisadoras que transitam entre as áreas da antropologia (das práticas esportivas), da comunicação social e da história e a sociologia.

Referências

- ELIAS, N. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FLORENZANO, J. P. **Afonsinho e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa Editora, 1998.
- TOLEDO, L. H. de. **Lógicas do futebol**. São Paulo: Editora Hucitec/Fapesp, 2002.
- VELHO, G. **Individualismo e cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

Leonardo Turchi Pacheco

Professor Associado III de Antropologia do instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Pós doutorado pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG/EEFFTO/PPGIEL). Doutor em História Social da Cultura pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Coordenador e pesquisador do grupo de pesquisa LABET-UNIFAL-MG (Laboratório de Etnografia).

Endereço profissional: Rua Gabriel Monteiro da Silva, n. 700, sala V008G, Centro, Alfenas, MG CEP: 37130-001.

E-mail: leonardo.pacheco@unifal-mg.edu.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0390-1608>

Como referenciar esta resenha:

PACHECO, Leonardo Turchi. Resenha da obra: Os Vilões do Futebol: jornalismo esportivo e imaginação melodramática. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 25, n. 2, e89793, p. 161-164, maio de 2023.